

Grafite x Doria: o *Estadão* na cobertura da polêmica na cidade de São Paulo***Graffiti x Doria: Estadão covering the controversy in the city of São Paulo***

Beatriz BITTENCOURT¹
Juliana DORETTO²

Resumo

Em janeiro de 2017, João Doria, então prefeito de São Paulo, mandou pintar de cinza um muro em que havia grafites na Avenida 23 de Maio, em São Paulo, e anunciou que outros desenhos também seriam apagados. A ação provocou revolta. Dois anos depois, a prefeitura foi condenada ao pagamento de uma indenização por apagar os trabalhos artísticos. Este artigo tem o objetivo de compreender como o grafite foi tratado pelo site de notícias Estadão, um dos principais do país, no relato desses fatos. Por meio da análise de conteúdo, percebe-se que o veículo deu um tom “oficialesco” à cobertura, com o predomínio de fontes oficiais, do governo municipal. As imagens, no entanto, ressaltam a oposição que o ex-prefeito e a prefeitura sofreram, o que torna a cobertura ambivalente.

Palavras-chave: Grafite. Pichação. Doria. Imprensa. Estadão.

Abstract

In January 2017, João Doria, then mayor of São Paulo, erased the graffiti painted on the walls of 23 de Maio Avenue, in São Paulo, and announced that other drawings would also be covered by a gray painting. The action provoked revolt. Two years later, the city was ordered to pay compensation for erasing the artwork. This article aims to understand how graffiti was treated by the Estadão news site, one of the main in the country, in reporting these facts. Through content analysis, we realized the vehicle gave an “official” tone to the coverage, with the predominance of official sources, from the municipal government. The images, however, highlight the opposition that the ex-mayor and the city hall suffered, which produces an ambivalent coverage.

Keywords: Graffiti. Graffiti vandals. Doria. Press. Estadão.

¹ Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC).
E-mail: beatrizclbittencourt@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade NOVA. Professora do PPG-Limiar (PUC).
E-mail: jdoretto@gmail.com

Introdução

Em janeiro de 2017, ao assumir a Prefeitura da cidade de São Paulo, João Doria instaurou o programa “Cidade Linda”, com o objetivo de revitalizar espaços danificados, com limpeza de monumentos, recuperação de praças, reparo de calçadas e retirada de faixas, cartazes, grafites e pichações em diversos pontos da cidade. A terceira etapa desse programa ocorreu no dia 14 de janeiro de 2017, quando o governo Doria mandou pintar de cinza um muro em que havia grafites na Avenida 23 de Maio e anunciou que outros desenhos também seriam apagados. A ação provocou revolta. Como resposta, cerca de 40 grafiteiros protestaram na mesma avenida, e outros deixaram pichações e grafites em espaços da cidade³.

Durante a polêmica, o ex-prefeito de São Paulo afirmou em entrevista⁴ ao *Estadão* que “não pode a cidade inteira estar grafitada [...] pichador não é artista”, contrariando a Lei Federal de Crimes Ambientais, que diferencia a pichação do grafite. Na Lei 9.605/98, a pichação é definida como um crime ambiental, e o grafite é permitido em locais autorizados – a Avenida 23 de Maio pode receber esses desenhos desde 2015, segundo a prefeitura da cidade⁵.

Em fevereiro de 2019, o Tribunal de Justiça de São Paulo condenou a prefeitura e o ex-prefeito e atual governador do Estado de São Paulo, João Doria, ao pagamento de uma indenização no valor de R\$ 782 mil por apagar os grafites feitos na Avenida 23 de Maio. Segundo o juiz responsável pela decisão, Adriano Marcos Laroça, a ação foi um ato de censura e causou danos ao patrimônio público⁶. Toda essa polêmica, que traz de um lado o prefeito de São Paulo e as suas ações e de outro artistas e o grafite, foi amplamente noticiada pela imprensa, principalmente em seu primeiro momento.

Dentro desse cenário, a pesquisa pretende focar numa dessas coberturas, a do

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1850437-campanha-de-doria-contrapichacao-reacende-guerra-do-spray-em-sp.shtml?origin=folha>> Acesso em: 22 mai. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,pichador-nao-e-artista-e-agressor-diz-doria,70001637825>> Acesso em: 11 mai. 2020.

⁵ Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/maior-mural-de-grafite-a-ceu-aberto-da-america>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/02/26/justica-de-sp-condena-doria-e-a-prefeitura-por-remocao-de-grafites-na-23-de-maio.ghtml>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

site *Estadão*, durante o mês de janeiro de 2017 – a partir do dia 14 até o dia 26, quando o ex-prefeito apagou os grafites –, e no dia 26 de fevereiro de 2019, data em que o atual governador do Estado de São Paulo foi condenado pela remoção dos grafites. Assim, pretende-se analisar a cobertura desses dois momentos, que se deu por meio de cinco reportagens. Não analisamos notas breves e notícias apenas com falas institucionais.

A escolha do site se deu por sua importância. O *Estadão*, criado após a fusão dos sites da *Agência Estado*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, teve 44 milhões de visitantes únicos durante o mês de março de 2020.⁷ O jornal *O Estado de S. Paulo* assumiu a liderança na circulação impressa de jornais em 2020 no Brasil⁸, com 89,2 mil exemplares, e teve um aumento de 56% nas assinaturas digitais, em 2018.

Segundo Guilherme (2018, p. 220), o jornal defende “posições liberais na economia, mas amalgamadas com ideias conservadoras e tradicionalistas, próximas ao positivismo, quando o assunto é a organização da sociedade civil, especialmente dos trabalhadores”. Em seu Código de Ética, o *Estado* deixa explícito que “não admite o favorecimento ou promoção pessoal de agentes públicos, órgãos públicos ou partidos políticos em matérias jornalísticas” (O ESTADO DE S. PAULO, p. 10), sendo fiel aos seus valores e, disseminando, de forma independente, a informação. Todavia, de acordo com Guilherme (2018), o *Estadão* pode ser visto, entre os principais jornais que estão em circulação, como o mais conservador e também como um aliado do PSDB. Além disso, o autor afirma que “o jornal sempre se colocou contra as pautas progressistas, estejam elas simbolizadas por Vargas, Jango, Lula ou qualquer outro político, movimento social ou partido de esquerda” (GUILHERME, 2018, p. 221).

Assim, considerando a remoção de grafites da Avenida 23 de Maio, em São Paulo, pelo então prefeito João Doria (PSDB), e a repercussão do caso, este artigo, derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso na área do jornalismo, busca solucionar a seguinte questão: *como o grafite foi tratado pelo site de notícias Estadão, que reportou o fato? Esse veículo se posicionou a favor ou contra a decisão do governo da capital paulista?*

Este estudo, assim, foca em como a mídia trata uma importante questão social do nosso tempo, a arte urbana. Essas manifestações artísticas, como o grafite, fazem

⁷ Disponível em: <<http://patrocinados.estadao.com.br/medialab/about-me/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

⁸ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estadao-assume-lideranca-no-impresso-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus,70003344049>>. Acesso em: 3 set. 2020.

importantes intervenções nos espaços públicos, dando destaque aos problemas que a sociedade enfrenta e buscando dialogar com ela (VIEIRA, 2015), o que gera desconforto aos governantes. Apesar do incômodo, as autoridades utilizam este tipo de arte em “políticas de educação e cidadania”, por exemplo, pois, segundo Vieira (2015, p. 25), “o *grafitti* agrega valor a um local, de certa forma retém ações depredatórias e é uma ocupação atrativa para os adolescentes e jovens”.

Como metodologia, escolhemos a análise de conteúdo, utilizada para, segundo Moraes (1999, p. 2): “[...] descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos [...] ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. Com esta análise, foi possível verificar as escolhas de abordagem na cobertura (expressas na seleção de pautas e na escolha dos entrevistados, e nas suas citações). Vimos também os termos vinculados ao grafite e à pichação, como forma de entender como o veículo trata esses fenômenos, a partir da frequência dessas palavras e o contexto que as envolve.

Brasil: imprensa e grafite

Desde os anos 60 há registros na imprensa de pichações em cidades do país, com escritos anônimos, de caráter político, contra a ditadura militar (1964-1985), que eram usados como uma manifestação estética e um importante aliado contra a repressão. Eram mensagens de protesto ao regime autoritário, como a frase “Abaixo a ditadura”. Naquela época, a pichação e o grafite eram considerados sinônimos, pelos artistas e pela imprensa, e isso permaneceu até os anos 90, quando essa realidade começa a mudar (DIAS, 2019): “A pichação era uma atividade perigosa, tendo em vista a censura e a repressão militar da época, no entanto, como hoje, os pichadores não se intimidavam. [...] a prática se tornara uma das poucas formas de expressão política” (BARROS, 2016, p. 168).

Se, por um lado, nessa época havia essa confusão com o nome, por outro, o grafite ganhava lugar em galerias e museus, o que fez com que surgissem reportagens sobre o tema. A mídia então passou a tratar esse tipo de obra como uma nova forma de expressão artística, mas com ressalvas (COSTA; BOANOVA, 2018).

Um desses casos é quando o artista Alex Vallauri é convidado a expor na Pinacoteca do Estado, em 1981, o *Estado de S. Paulo*, ao noticiar o fato, caracteriza o

grafite como “marginal”, “anárquico” e uma “arte cigana”. Já a *Folha de S. Paulo* usa o verbo “enfeitar”, ao referir-se às obras de Vallauri. Esse fato pode estar atrelado aos critérios que os veículos e os jornalistas utilizam para prover informações à sociedade. De acordo com Dias (2019), para desenvolver o assunto com mais complexidade e alcançar credibilidade junto aos leitores, os jornalistas procuram as fontes institucionais. A Pinacoteca é uma instituição reconhecida e, dessa forma, a imprensa compreendeu o grafite exibido ali como arte, diferentemente do que ocorre quando os desenhos estão na rua. “Instituições de arte oficiais, como é o caso da Pinacoteca do Estado, têm prestígio e a credibilidade demandada pela imprensa e, com isso, suas exposições e mostras ganhavam espaço privilegiado na mídia” (DIAS, 2019, p. 75). Nesse processo, os museus viram o grafite como estratégia para ganharem destaque na imprensa.

Mas, como demonstrado, isso não foi feito sem resistência. Os jornais tinham um certo desconforto ao noticiar que a arte, geralmente criminalizada, vista na rua, estava em museus, um local onde são expostas obras de artistas consagrados. Em reportagem publicada por *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, enfatiza-se que o grafite “subiu os tapumes” (DIAS, 2019). Em outras palavras: nessa época, a arte de rua era vista como algo criativo, porém poluidor, e a imprensa a definia, de forma dúbia, como “vandalismo” ou/e “arte”, ou seja, não era descrita como uma expressão artística de qualidade. E, mesmo com uma presença cada vez maior na sociedade, esse tipo de arte, que discute os direitos sociais e a atuação política, não encontrava reconhecimento e divulgação pela imprensa naquela época (RINK et al., 2016). Assim, os artistas entenderam que não havia uma aceitação total do grafite (DIAS, 2019).

Por exemplo, em uma reportagem publicada em *O Estado de S. Paulo*, em 1989, o título “Rabiscos que infernizam a vida da cidade”, carregado de repulsa, deixa evidente que “Uma prática desempenhada por uma ‘tribo urbana’ [...] não ocupa ou integra os espaços de poder da capital ou se encontra dentro do grupo de destinatários d’*O Estado de S. Paulo*” (COSTA; BOANOVA, 2018, p. 8). Segundo Dias (2019, p. 88), “a cobertura da mídia, a partir da publicação de notícias [...], constrói consensos ou ao menos colabora para a construção da realidade”. Desse modo, a imprensa influencia a forma em que o grafite é visto pela sociedade. E, nessa época, ele era compreendido como algo menor.

Ao mesmo tempo em que a imprensa noticiava o grafite nas instituições de arte ou o criticava, como vimos acima, os jornais passavam a exibir as artes de rua como

uma forma também de ilustrar as matérias, mas sem contextualizá-las. Nos anos 80, o jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, utilizou um desenho com a frase “Peruíbe corre perigo”; já *O Estado de S. Paulo* usou um grafite com a frase “Fora Videla”. Nesse segundo caso, não houve uma contextualização do desenho – que foi criado para criticar a vinda do presidente argentino ao Brasil, em 1980 – no texto publicado no jornal. Com isso, Dias (2019) observa que

As utilizações, pela mídia, das mensagens contidas nos grafites como um elemento de comunicação textual indicam que havia um olhar dos jornalistas para as frases pichadas nos muros. Mas essas manifestações eram interpretadas como ações políticas e não artísticas, cujas intervenções nascentes continuavam praticamente invisíveis aos olhares da mídia (DIAS, 2019, p. 95).

É notável ainda a distinção na maneira com que a imprensa tratava o grafite feito no Brasil e aquele realizado nos Estados Unidos, quando o assunto passou a ser debatido no país, no final dos anos 80. O grafite aparecia como expressão artística quando era relacionado às artes de rua de Nova York, passando, aliás, a ser denominado como *graffiti* – palavra de origem italiana. Costa e Boanova (2018) dizem que esse termo era utilizado com mais referência, enquanto seus sinônimos grafite/pichação carregavam na mídia um sentido negativo e eram usados para se referir ao que acontecia localmente. “[O] estrangeirismo do léxico garante a sua origem em um alhures, o que distancia das práticas transgressoras observadas no Brasil” (COSTA; BOANOVA, 2018, p. 199). Ou seja, por utilizar uma palavra estrangeira (*graffiti*) e referir-se a outro lugar (Estados Unidos), o grafite/pichação é visto como algo positivo.

Ainda segundo Costa e Boanova (2018), as palavras pichação e grafite se diferenciaram durante a década de 90, quando o grafite é definido como uma arte urbana, visto como uma forma de embelezar as cidades, e a pichação continua com a sua característica agressiva, poluidora. Isso ocorre porque o grafite foi ganhando mais espaço nas cidades, principalmente em São Paulo. O Beco do Batman, no bairro de Vila Madalena, é um ponto turístico reconhecido pela quantidade de desenhos expostos a céu aberto que surge na década de 80. Com a repercussão, a arte de rua passa a ser mais bem vista pela sociedade, e a mídia entende o grafite como uma atividade aprovada pelos paulistas e passa a defender a ideia de que esse tipo de arte deve ser apoiado pelo poder público (COSTA; BOANOVA, 2019). “De certa forma, a mídia valoriza a cultura de elite em detrimento da cultura de massa ao valorizar o espaço das galerias e pouco se

deter nos projetos sociais ou nas possibilidades de questionamento da cultura hegemônica presente na sociedade através do grafite” (RINK et al., 2016, p. 138).

Assim, a mídia contribuiu para que os grafites ganhassem mais visibilidade, e fossem classificados como arte, segundo o artista Waldemar Zaidler, em entrevista à pesquisadora Sílvia Dias. A imprensa teve ainda uma influência na utilização dos grafites pela publicidade, pela moda e pelo mercado (DIAS, 2019): o fato de a linguagem dessa arte atrair o público fez com que a mídia se interessasse por ela, e os artistas utilizaram essa atenção a seu favor. Dessa forma, segundo Lara (1996), o sucesso do grafite, a partir dos anos 90, além de popularizá-lo, atraiu outros artistas para a arte de rua e chamou a atenção das artes plásticas:

Uma reação em cadeia, ajudada pela mídia e pelo cenário cultural artístico que as adotou, fez com que estas inscrições invadissem os jornais, as galerias de arte e as bienais. Os grafiteiros, depois do sucesso, souberam encaminhar e difundir o movimento através de oficinas culturais ou de projetos que criaram novos seguidores (LARA, 1996, p. 106).

Com toda essa notoriedade, o grafite diferenciou-se da pichação e foi descriminalizado (Lei n. 12.408). Entretanto, ainda existe uma visão negativa da arte de rua, principalmente do poder público, que faz campanhas públicas contra a pichação (DIAS, 2019). Em 2017, por exemplo, como já dissemos, o ex-prefeito da cidade de São Paulo, João Doria, lançou sua campanha política, e uma de suas propostas era embelezar a cidade combatendo a pichação. A intenção era apagar pichações, mas grafites autorizados também foram removidos.

Costa e Boanova (2018), ao analisarem reportagens publicadas sobre o assunto, observaram que as palavras “bandidos”, “infratores” e “vândalos” faziam referência tanto à pichação como ao grafite. Eles também concluíram que a ação de João Doria, ao querer combater a pichação e limitar o grafite, ganhou visibilidade midiática. E trouxe novamente, segundo Dias (2019, p. 135), a discussão sobre a diferença “entre grafite e pichação, sendo que o primeiro era entendido como arte e o segundo, como vandalismo”.

Portanto, é possível compreender que a imprensa foi aliada na expansão e divulgação do grafite – com matérias sobre o assunto –, mas também contribuiu para a confusão em relação ao termo correto a ser utilizado, pichação ou grafite, desde o início de sua aparição no país até hoje.

Resultados e análises

Conforme já citado, vamos analisar cinco reportagens do site *Estadão* (Tabela 1), que falam sobre a polêmica envolvendo o ex-prefeito de São Paulo, João Doria, e os grafites apagados, e a posterior condenação do governo por essa ação. Em primeiro lugar analisamos a abordagem de cada uma delas:

Tabela 1 - Reportagens do *Estadão*

Reportagens	Títulos
Matéria 1: 14/1/2017	Doria vai retirar grafites dos “Arcos do Jânio”
Matéria 2: 20/1/2017	Grafitreiro lava muro com água e frase apagada pela Prefeitura reaparece
Matéria 3: 25/1/2017	Quem faz isso não gosta da cidade, diz Doria sobre tinta em estátua
Matéria 4: 26/1/2017	Após apagar grafite e pichação, Doria anuncia Museu de Arte de Rua
Matéria 5: 26/2/2019	Doria e Prefeitura são condenados por remoção de grafites da 23 de Maio

Fonte: elaboração das autoras.

A primeira reportagem fala da *terceira etapa do Programa Cidade Linda* – que consiste na limpeza de monumentos, limpeza de pichações, retirada de faixas e cartazes, entre outros. O apagamento dos grafites/pichações começou na Av. 23 de Maio e teve a participação do ex-prefeito, João Doria. O texto também reforça que Doria reconhece os muralistas e os grafiteiros como artistas, mas, mesmo assim, limitaria as obras na avenida. A matéria 2 discute a *ação do grafitreiro Mundano contra as medidas de João Doria*: o artista apagou a pintura da prefeitura em um muro no Largo da Batata, para que a frase “Não dê vexame, São Paulo não é Miami” aparecesse. No mesmo dia, a prefeitura voltou para apagar a inscrição, e o grafitreiro reagiu e apagou mais uma vez a pintura.

A matéria 3 tem como enfoque *a indignação de Doria ao ver a estátua do apóstolo Paulo pintada com tinta vermelha*, em um ato de manifestantes protestando contra o apagamento dos grafites e outras medidas, na praça da Sé. A de número 4 aborda *os planos de Doria após os apagamentos da Av. 23 de Maio* – a intenção era criar um programa que promovesse grafiteiros e muralistas –; Doria também deu

declarações, dizendo que as artes embelezariam a cidade e trariam visibilidade a ela. A matéria 5 discute a condenação do Doria e da prefeitura de São Paulo por apagarem os grafites: o juiz chamou de “censura” a substituição do mural por um jardim vertical, e a prefeitura recorreria da decisão.

Dessa forma, notamos que os textos abordam sobretudo as ações da prefeitura e as consequências delas em dois termos: um protesto e uma ação legal. O jornal parece então *se pautar pelos atos oficiais do governo*: não há nenhuma reportagem mais extensa sobre a reação dos grafiteiros ao apagamento das obras, mas apenas o ato de um artista isolado aparece.

O ar “oficialesco” também está nas fontes utilizadas: prefeitura e o ex-prefeito João Doria são vozes presentes – *aparecem nas cinco matérias analisadas* –, e quando os grafiteiros são ouvidos há sempre uma fonte oficial como oposição. Apenas a terceira matéria, que traz os movimentos sociais protestando contra Doria, utiliza fontes independentes – justamente os representantes de grupos sociais, não ligados a grafiteiros. Uma única fonte especialista só aparece na quarta matéria, com uma arquiteta, que fala sobre o programa Cidade Linda não ser a solução para os problemas da pichação.

Esse desequilíbrio se reflete também nas falas dos entrevistados. A matéria 1 utiliza *nove citações de Doria*, referentes aos grafites, ao que o programa Cidade Linda faria e ao que aconteceria com os grafites e com os pichadores. A outra fonte, o artista Rafael Hayashi, tem sua fala usada em somente *uma citação*: em 2015, uma pintura sua foi tomada por pichação – o jornal retoma esse assunto ao dizer que Doria iria retirar um mural pintado nos Arcos do Jânio.

A matéria 2 usou *seis citações do grafiteiro Mundano*, e *duas da prefeitura de São Paulo*. O grafiteiro ironizou o programa Cidade Linda, e afirmou ter limpado a maquiagem da cidade – por ter retirado a tinta que cobria uma frase feita por ele. Já as falas da prefeitura de São Paulo, em nota, foram usadas para dizer que o trabalho de apagar grafites/pichações iria continuar.

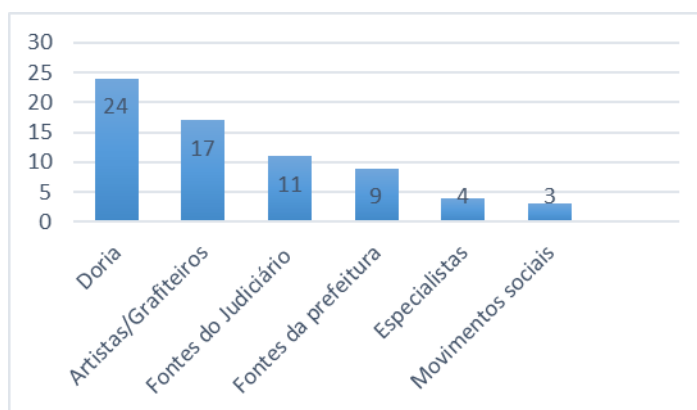
A matéria 3 usou *sete citações de Doria*; *duas citações da Central de Movimentos Populares (CMP)* e *uma do coordenador da CMP*, Raimundo Bomfim. Doria aparece para falar sobre o ato feito na estátua, dizendo que é uma agressão à cidade; em outro momento diz que os grafiteiros e muralistas fazem arte urbana. A CMP fala da falta de proposta do ex-prefeito em relação à moradia popular. E o

coordenador da CMP relaciona Doria ao político Pereira Passos⁹, pela semelhança nas medidas tomadas em nome do embelezamento da cidade. Ou seja, nesta reportagem, os grafiteiros não foram ouvidos, e a oposição vem de outros movimentos populares.

A matéria 4 usou *seis citações do Doria; três do secretário de Cultura, André Sturm; quatro do artista Binho Ribeiro; seis de Bárbara Goy, também grafiteira; e quatro da especialista Nadia Somekh*. O ex-prefeito anunciou que criaria um programa para promover grafiteiros e muralistas, e que os grafites apagados não participariam. Sturm disse que os grafiteiros seriam escolhidos para participar desse programa a partir de seus currículos; os grafiteiros defendiam o diálogo com a prefeitura e foram contra o apagamento; e a especialista falou sobre o uso do grafite na cidade, como forma de arte urbana não autorizada.

A última reportagem usou *duas citações de Doria*, que diz que apresentaria um recurso ao Tribunal de Justiça para anular a sentença e o processo. As outras fontes utilizadas são o juiz *Adriano Marcos Laroca, com onze citações*, que aparece para falar da sentença. E a *Prefeitura de São Paulo, com quatro citações*, para dizer que iria recorrer da decisão do juiz e para se defender. Ou seja, todas fontes oficiais. Assim, notamos que não há um equilíbrio por parte do jornal, já que João Doria tem mais espaço do que os grafiteiros. Nas matérias 2 e 4, os artistas têm mais citações, mas, levando-se em consideração todas as reportagens, *Doria aparece com 24 falas ao todo (para além das notas da prefeitura), e os grafiteiros têm 17* (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Citações das fontes ouvidas na cobertura



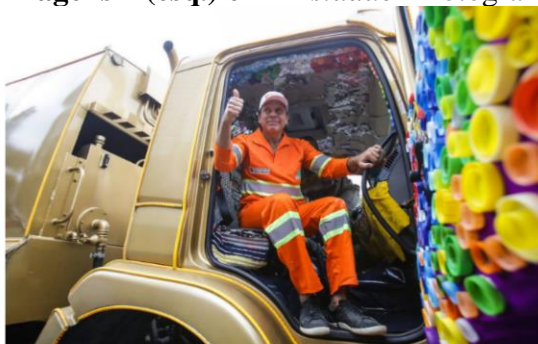
Fonte: elaboração das autoras.

⁹ Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi prefeito do Distrito Federal (à época, no Rio de Janeiro) entre 1902 e 1906 e, nesse período, realizou polêmicas reformas viárias e arquitetônicas na cidade.

Em seguida, apresentaremos os elementos visuais de cada reportagem. As matérias apresentam fotos e vídeos, mas não há apoio de infográficos (ou seja, não há a preocupação em mostrar uma “linha do tempo” visual, que possa auxiliar o leitor a cobrir todo o caso). Todas as imagens foram produzidas por fotógrafos do jornal, e a matéria 3 destaca-se por trazer cinco fotos. Além disso, apresenta dois vídeos: um produzido pelo *Estadão*, e o outro foi obtido no *Instagram* do grafiteiro Mundano. Assim, nota-se que as imagens são importantes para o jornal narrar o fato e também são uma forma de o periódico dar destaque para as reportagens.

A *matéria 1*, que aborda a terceira etapa do programa Cidade Linda, traz duas fotos: a primeira mostra o ex-prefeito de São Paulo, João Doria, com um uniforme laranja, descendo de um caminhão (Imagem 1). A segunda traz Doria com um moto compressor apagando alguns grafites e pichações de um muro. Assim, vimos que as imagens têm uma sequência, ao mostrar a iniciativa do ex-prefeito em trabalhar no programa Cidade Linda, e a oposição não aparece, apesar de um grafiteiro ter sido ouvido.

Imagens 1 (esq.) e 2 - *Estadão* - Fotografias das matérias 1 e 2



Prefeito João Doria anuncia que irá apagar grafites em São Paulo Foto: Gabriela Biló/Estadão

Fonte: Reprodução/site *Estadão*.



Após lavar muro com água e escovão, Mundano faz reaparecer frase que havia sido apagada pela Prefeitura Foto: Reprodução Facebook/Mundano

A *matéria 2*, que mostra a ação de um artista contra as medidas de João Doria, traz uma fotografia (Imagem 2): o grafiteiro Mundano lavando um muro para que a frase “Não dê vexame, São Paulo não é Miami” reaparecesse, após a prefeitura pintar a parede de cinza. E apresenta também um vídeo do *Instagram* do grafiteiro, em que ele aparece dizendo que ia deixar a cidade mais linda, e em seguida apaga a tinta da prefeitura.

A terceira matéria, que aborda a indignação de Doria ao ver a estátua do apóstolo Paulo pintada com tinta vermelha, apresenta cinco imagens e um vídeo: a primeira é Doria apontando para a estátua do apóstolo Paulo, ao lado do arcebispo de

São Paulo, dom Odilo Scherer (Imagem 3); a segunda é o pé da estátua com a tinta escorrendo; e a terceira é a escultura sendo limpa por um funcionário da prefeitura. A quarta é do grupo da Rede Minha Sampa se manifestando na ocasião, com cartazes com os dizeres “Cidade Cinza” e fotos de Doria com o rosto pintado de cinza. A quinta apresenta os manifestantes da Central de Movimentos Populares (CMP) com cartazes dizendo “Retrocasso em São Paulo não”; “Não ao aumento das tarifas” e “Nenhum direito a menos” (Imagem 4).

O vídeo curto, com duração de 1 minutos e 18 segundos, gravado pelo *Estadão* durante uma manifestação na Catedral da Sé, mostra o grupo Rede Minha Sampa entregando um mapa colaborativo de grafites da cidade a Doria, com o arcebispo ao lado. O ex-prefeito diz que os grafiteiros, muralistas, terão o apoio da prefeitura e que irá apresentar-lhes um projeto para a valorização do seu trabalho. Doria reafirma que pichação não é arte, é destruição.

Com isso, podemos ver que as imagens trazem a revolta de Doria ao ver a estátua pintada, o resultado, a ação do funcionário da prefeitura, e a oposição dos grafiteiros. A cobertura ainda apresenta a foto de outro protesto de grupos organizados – o que mostra que o jornal associou o grafite a um movimento social.

Imagens 3 (esq.) e 4 - *Estadão* - Fotografias da matéria 3



O prefeito afirmou que pediu ao prefeito regional da Sé, Eduardo Odloak, que mantivesse a pintura exatamente como foi feita na madrugada. Foto: Felipe Rau/Estadão



A Central de Movimentos Populares considera a gestão João Doria (PSDB) um 'retrocasso'. Foto: Felipe Rau/Estadão

Fonte: Reprodução/site *Estadão*.

A matéria 4, que traz os planos de Doria após os apagamentos da Av. 23 de Maio, apresenta duas imagens: a primeira é Doria reinaugurando o monumento em homenagem aos 80 anos da Imigração Japonesa (Imagem 5). E a segunda mostra um muro apagado pela metade – a parte de cima com grafites, e a parte de baixo com os dizeres “Se sua vida não tem cor, não desbote a nossa”; “Respeito”; “Doria”; “Doria”; “Iaco”, feitos após a pintura da prefeitura (Imagem 6). A primeira imagem apresenta um

ex-prefeito animado, fazendo uma reinauguração, enquanto a segunda mostra os grafites apagados, em um local que a desigualdade social transparece.

Imagens 5 (esq.) e 6 - *Estadão* - Fotografias da matéria 4



O prefeito João Doria (PSDB) reinaugurou nesta quinta o Monumento em Homenagem aos 80 anos da Imigração Japonesa, da artista Tomie Ohtake Foto: Gabriela Biló/Estadão



O prefeito ressaltou que a Avenida 23 de Maio, que teve grafites apagados pela administração municipal, não passará pelo programa. Foto: NILTON FUKUDA/ESTADÃO

Fonte: Reprodução/site *Estadão*.

Por fim, o último texto, que aborda a condenação do Doria e da prefeitura de São Paulo frente à polêmica envolvendo os grafites, apresenta três imagens: a primeira mostra o que o muro da Avenida 23 de Maio se tornou após as ações da prefeitura; a segunda é o resultado um ano depois, em 2018, – um jardim seco e sem cuidado –; e a terceira é a reprodução da condenação da Justiça para a prefeitura de São Paulo e para o ex-prefeito, João Doria. Desse modo, faz um paralelo entre ruas com carros e o cinza das paredes e as calçadas com outro cinza, só que cheio de plantas secas; a reprodução da ação legal parece dialogar com as fotos por mostrar que a condenação é pelo resultado negativo.

Por fim, verificamos ainda os termos associados ao grafite e às pichações que aparecem nos textos. Para isso, buscamos localizar primeiramente os termos que faziam referência ao *grafite* (Tabela 2), para que assim fosse possível compreender a forma como o jornal e as fontes abordaram o assunto e, depois, fizemos o mesmo com o termo pichação e suas variações, como pichadores e pichar.

Vemos que em todas as matérias aparecem termos que relacionam o grafite às artes plásticas. Tanto o jornal como as fontes utilizam os sinônimos obras, mural, pintura, arte, desenhos, arte urbana e manifestação cultural para definir o grafite (Tabela 2).

Tabela 2 - Sinônimos de grafite

Matérias	Termos
1	<p>“[...] projeto prevê ainda limitar as obras expostas na Avenida 23 de Maio”;</p> <p>“[...] Doria afirmou que vai retirar o mural pintado no espaço”;</p> <p>“Em 2015, uma pintura do artista plástico Rafael Hayashi [...]”;</p> <p>“Doria também voltou a falar no ‘grafitódromo’, espaço que quer reservar para painéis e murais na cidade”.</p>
2	<p>“Depois da minha arte sair na mídia, o #CidadeLinda apagou [...]” – citação do grafiteiro Mundano;</p> <p>“[...] a Prefeitura de São Paulo informou que a pintura no muro pichado”.</p>
3	<p>““O que vocês defendem é a arte, não é a pichação” – citação de Doria;</p> <p>“Eu peço que os pichadores preservem, não mutilem as obras daqueles que, como grafiteiros, como muralistas, fazem arte urbana [...]” – citação de Doria.</p>
4	<p>“[...] mas não haverá necessidade de enviar a prévia dos desenhos”;</p> <p>“Arte não é sujeira [...]” – citação da arquiteta Nadia Somekh.</p>
5	<p>“[...] o juiz disse que o apagamento das pinturas resulta de “atos administrativos ilegais”;</p> <p>“[...]conservação e na preservação da manifestação cultural conhecida como arte urbana” – citação do juiz Adriano Laroca;</p> <p>“O qual impede, censura, a manifestação cultural que ali havia antes” – citação do juiz.</p>

Fonte: elaboração das autoras.

No entanto, o uso das variações da palavra “pichação” aparece em alguns casos como sinônimo de grafite (Tabela 3). Como na matéria 1, em que o jornal noticia: “Com o moto compressor, óculos de proteção, máscara e avental, apagou *pichações* de uma mureta da 23 de Maio”. Mas, ainda assim, essa significação aparece na minoria das vezes: das 10 aparições de pichações, e suas variantes, isso ocorre em apenas 3 vezes.

Tabela 3 - Pichação e suas variações

Matérias	Termos
1	<p>“Com o moto compressor, óculos de proteção, máscara e avental, apagou pichações de uma mureta da 23 de Maio”;</p> <p>“Pinteí com enorme prazer três vezes mais a área [...] dar a demonstração de apoio à cidade e repúdio aos pichadores” – citação de Doria;</p> <p>“Se preferirem continuar pichando a cidade, terão o rigor da lei [...]” – citação de Doria;</p> <p>“Segundo a Lei de Crimes Ambientais, a pena prevista para quem pichar um monumento urbano [...]”.</p>
2	<p>“O episódio ocorre na semana em que o prefeito João Doria (PSDB) deu início à limpeza de pichações e grafites”;</p> <p>“Na manhã de quinta-feira, o artista foi ao local para lavar o muro com água e a pichação reapareceu”;</p>

	“Em nota, a Prefeitura de São Paulo informou que a pintura no muro pichado do Largo da Batata [...]”.
3	““O que vocês defendem é a arte, não é a pichação . A pichação não é arte, é destruição’ [...] peço que os pichadores preservem [...]” – citação do Doria.
4	“Ele disse que o local terá apenas os sete grafites que foram considerados ‘preservados’ [...] um deles, do artista Eduardo Kobra, foi pichado ”.

Fonte: elaboração das autoras.

A partir dos dados expostos, podemos fazer algumas considerações. Em sua linha editorial, o *Estadão* defende as diferentes posições e opiniões de cada um, e “não admite o favorecimento ou promoção pessoal de agentes públicos, órgãos públicos ou partidos políticos em matérias jornalísticas” (O ESTADO DE S. PAULO, p. 10). Entretanto, na cobertura analisada sobre a polêmica envolvendo João Doria e os grafites da cidade, identificamos que a prefeitura e o ex-prefeito aparecem mais do que os grafiteiros, tanto nas abordagens das matérias – que se pautam nos atos oficiais do governo –, como nas citações das fontes. Isso se alinha ao que foi exposto por Guilherme (2018), em que o *Estadão* é considerado um jornal mais conservador e aliado do PSDB.

Este último ponto pode ser comprovado no fato que, das cinco matérias analisadas, só duas tiveram falas de grafiteiros e uma de um artista plástico. Porém, o jornal também diz, nos seus preceitos editoriais, que considera os direitos e as liberdades dos indivíduos e da população, e defende suas posições e opiniões: nesse sentido, as análises nos mostram que o site consegue expor o posicionamento dos grafiteiros e os seus direitos, ao associá-los a movimentos sociais, mas com destaque menor do que o do ex-prefeito. Ou seja, trata-se de uma cobertura com predomínio das ações oficiais, em que o posicionamento de oposição dos grafiteiros, como cidadãos reivindicando direitos, aparece, mas não de modo equilibrado. Além, a cobertura do site é factual, e pouco analítica, já que as fontes especializadas quase não aparecem.

As reportagens utilizaram-se também de muitas fotos, e com produção própria (são fotógrafos dos veículos que assinam as imagens). Nesse sentido, mesmo com o uso recorrente de fontes oficiais e com menor presença de grafiteiros, as imagens ressaltaram a oposição que Doria sofreu: ela está mais presente nessas fotografias do que nos textos. As fotos mostraram a linha do tempo de toda a polêmica, e o *Estadão* investiu bastante nisso – foram 13 imagens ao todo, com diferentes ângulos, do mesmo

acontecimento, trazendo mais dados e abordagens. O contraste entre várias delas, com o cinza dos muros sendo mostrado de modo paralelo ao entusiasmo de João Doria ou os cartazes de protestos aparecendo ao lado das inaugurações oficiais, reforça o caráter de oposição, que não ganha destaque no texto.

Outra observação feita está atrelada à forma pela qual o grafite é tratado pelo veículo. Nos anos 60, quando a imprensa passou a noticiar esse tipo de arte de rua, os jornais a definiam como “vandalismo” ou/e “arte”, e isso, segundo Dias (2019), só mudou mais tarde, no período em que os grafites passaram a ocupar museus e galerias – o que, de acordo com Costa e Boanova (2018), fez a mídia retratar os grafites como uma nova forma de expressão artística. Com isso, vimos que, em alguns momentos, o jornal analisado usa os sinônimos de “obras”, “mural”, “pintura”, “desenho” e “painel” para citar o grafite, ou seja, os termos são relacionados às artes plásticas. Os sinônimos “arte”, “arte urbana”, “manifestação cultural” e “expressão artística” foram usados por fontes, inclusive pelo ex-prefeito João Doria.

Ademais, Costa e Boanova (2018) explicam que o grafite se diferenciou do termo “pichação” na década de 90: o primeiro era visto como uma forma de embelezar as cidades, enquanto o segundo era tido como uma espécie de poluição visual. Seguindo o pensamento de Vieira (2015), as duas formas de arte urbana são passíveis de diversas interpretações, e os artistas são responsáveis por se autodeclararem como pichador/grafiteiro, mas, para ela, os grafites são desenhos – que conversam com a sociedade –, e as pichações são a escrita – que dialoga com pichadores. Observamos que o site soube diferenciar os termos, porém houve alguns deslizos, como: na matéria 2, o veículo coloca como se o grafiteiro Mundano tivesse feito uma pichação – se considerarmos a definição de Vieira (2015), o termo não é adequado.

Considerações finais

A partir dos dados levantados com as matérias analisadas, concluiu-se que: o *Estadão* cobre a polêmica envolvendo o ex-prefeito João Doria e os grafites apagados, e a condenação da prefeitura de São Paulo e do Doria, de um ponto “oficialesco”, ou seja, o Poder público está mais presente nos textos, por meio da presença de mais fontes do governo municipal. As imagens, no entanto, ressaltam a oposição que o ex-prefeito e a prefeitura sofreram, o que torna a cobertura ambivalente. Apesar disso, o veículo, por

relacionar o grafite às artes plásticas, demonstra que considera os grafites um tipo de expressão artística – mesmo com alguns equívocos –, e parece se opor à decisão do governo da capital paulista.

Assim, este trabalho nos mostra que a imprensa trata o grafite como uma arte, e embora a cobertura do site tenha sido bastante desequilibrada, pautada por fontes oficiais, o *Estadão* deu espaço aos grafiteiros e a oposição de Doria. Esse posicionamento dúbio do veículo, reforçado pelo modo pouco analítico de retratar a polêmica, parece contribuir pouco para que a sociedade possa compreender melhor essa forma de expressão artística e reconheça sua importância.

Referências

BARROS, E. O grafite é o meio: as ruas como lugares de representação sócio-política. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1, **Anais...** Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2016, p. 156-173.

COSTA, L.; BOANOVA, N. Grafite em São Paulo: (in) visibilidades midiáticas nas gestões de Fernando Haddad e João Doria. In: OLIVEIRA, A. C.; JUNQUEIRA, M. A. (Org.). **Escrita-imagem em atravessamento estético-político**. São Paulo: Educ, 2018.

DIAS, S. F. **O spray e a tinta**: a cobertura da imprensa sobre os grafites artísticos na década de 80. 2019. 199 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GUILHERME, C. A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal O Estado de S. Paulo. **Dimensões**, Vitória, v. 40, p. 199-223, jan./jun. 2018.

LARA, A. H. **Grafite**: arte urbana em movimento. 1996. Dissertação (Mestrado em Escola de Comunicações e Artes) - Universidade de São Paulo, 1996.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, nº 37, 1999.

O ESTADO DE S. PAULO. Grupo Estado: Código de Conduta e Ética. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/codigo-etica/codigo-de-etica.pdf>>. Acesso em 5 abr. 2021.

PIRES, E. M; SANTOS, F. A. D. A cidade de São Paulo e suas dinâmicas: graffiti, Lei Cidade Limpa e publicidade urbana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 26, e. 28, 2018.

RINK, A.; VASQUES-MENEZES, I.; METTRAU, M. B. Discursos midiáticos e arte urbana: enriquecimento social ou estereotipação? **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 126-141, 2016.

VIEIRA, B. C. **Graffiti e pixação**: processos de apropriação e resistência. 56 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.